

---

## Considerações sobre o uso da repetição na construção do texto falado infantil

---

Andressa Cristina Coutinho Barboza

### **Resumo**

*O presente trabalho tem o objetivo de refletir sobre os efeitos da repetição no processo de aquisição da linguagem, a partir do estudo de narrativas orais produzidas por crianças em situação de tutela. Os sujeitos desta pesquisa – Ingrid (7;6) e Jonnathan (9;3) tiveram contato histórias de livros infantis, as quais foram contadas pelas crianças somente com o apoio das ilustrações. Os dados obtidos foram gravados em mídia digital e transcritos para estudo segundo as normas estabelecidas pelo Projeto NURC. A análise do corpus coletado à luz do referencial teórico possibilitou a compreensão do uso da repetição na construção do texto falado infantil e a constatação de sua importância como recurso para aquisição da linguagem.*

### **Abstract:**

*This paper discuss about the effect of the repetition in the learning language process through spoken histories created by children during caretaker situations. The subjects of this study – Ingrid (7;6) e Jonnathan (9;3) – had contact with children’s books and they told its stories with the support of the illustrations. The narratives were recorded in digital media and transcribed for study secondly the NURC Project norms. The corpus analysis and the theory did possible the comprehension of the repetition use in the child talk discourse construction and the importance of the repetition like resource to language acquisition.*

**Palavras-chave:** aquisição da linguagem; repetição; narrativa infantil

**Key words:** language acquisition; repetition; child narrative.

### **Introdução**

#### **1. Introdução**

O presente trabalho tem o objetivo de refletir sobre os efeitos da repetição no processo de aquisição da linguagem a partir do estudo de duas narrativas orais produzidas por uma criança de 7;6 e outra de 9;3 anos em situação de tutela, ou seja, em interação comunicativa mediada pelo adulto pesquisador. De acordo com Melo (2003), a observação das condutas linguageiras

empregadas pela criança oferece ao pesquisador um melhor entendimento dos mecanismos da aquisição-apropriação da linguagem.

Isso significa, para nós, olhar e escutar um sujeito cogniscente, isto é, uma criança que busca, (que) se interroga, (que) compreende mais ou menos bem, (que) muda de ponto de vista, (que) elabora conceitualizações novas e provisórias, (que) constrói progressivamente conhecimentos e estratégias... (Melo, 2003, p. 40).

Apresentamos alguns aspectos teóricos sobre a definição, as formas e as funções da repetição na língua falada (Marcuschi, 2002; Silva, 2001) e pesquisas que compreendem a repetição como uma das estratégias para aquisição da linguagem (Clark, 2006; Keenan e Klein, 1975). A partir do referencial teórico-metodológico proposto por Melo (2003) e Silva (op. cit.), realizou-se a análise das narrativas orais produzidas pelos sujeitos desta pesquisa.

### **1.1. Repetição: conceito, formas e funções**

A repetição consiste em uma estratégia de formulação textual fortemente empregada na oralidade com os objetivos de: a) contribuir para organização discursiva; b) monitorar a coerência textual; c) favorecer a coesão e a compreensão dos enunciados e; d) promover a continuidade da organização tópica e a interação entre os interlocutores (Marcuschi, 2002).

Marcuschi (op. cit., p. 107), conceitua repetição como “a produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo”. A matriz (M) é a primeira entrada do segmento que opera como base ou modelo para a projeção de outro segmento construído à sua semelhança ou identidade, chamado de repetição (R). Em relação ao nível textual (formal), o autor considera como unidades mínimas as repetições de itens lexicais (nomes, verbos e preposições) e, comunidades maiores, as repetições em construções suboracionais (sintagmas nominal, verbal, preposicional e adjetivo) e as repetições de orações. Seu estudo também abarcou as condições de produção, distribuição e forma das repetições: a) auto-repetições (produzidas pelo mesmo falante) ou heterorrepetições (as reproduções em falas de falantes distintos); b) adjacentes (contíguas ou próximas) ou distantes e; c) integral (repetição exata) ou com variação.

De acordo com Silva (2001), além da identidade entre formas lingüísticas, a repetição também apresenta vínculos semânticos e pragmáticos. Estes vínculos são estabelecidos no nível discursivo (funcional) e tornam-se tangíveis durante o ato da enunciação. A autora define três macrofunções para as repetições: a coesão, a interação e o processamento, as quais são combinadas entre si durante a produção discursiva. Neste artigo, nos deteremos sobre a macrofunção do processamento, que implica, fundamentalmente, na percepção do falante sobre seu próprio discurso.

## **1.2. A repetição e aquisição de linguagem**

Segundo Johnston (1987), os estudos sobre a repetição são organizados em quatro grandes centros de interesse: (a) como mecanismo coesivo; (b) enquanto recurso retórico; (c) seus efeitos semânticos e; (d) sua importância na aquisição da linguagem.

Sobre a importância da repetição na aquisição da linguagem, Silva (2001) afirma que a repetição é um procedimento de interação freqüente na fala e desempenha um importante papel nas primeiras etapas da aquisição de linguagem e socialização. Bambi Schieffelin (1979, apud Silva, 2001, p. 48-9), afirma que a repetição implementa e mantém a interação lingüística e social, enquanto as crianças desenvolvem suas habilidades comunicativas essenciais.

Em relação às pesquisas feitas sobre o emprego da repetição por crianças em situação de interação comunicativa, Keenan e Klein (1975) observaram que, nos diálogos entre gêmeos (idade de 2;9), 59% de suas respostas às afirmações eram repetições. Aos 3 anos, essa porcentagem diminui: as crianças empregam, desde então, outras possibilidades diversas. Em uma perspectiva pragmática, Elinor Keenan constata que as crianças costumam repetir na tentativa de responder de maneira apropriada determinados tipos de enunciados produzidos por seus interlocutores. A autora esclarece que, ao repetir o enunciado do outro, a criança está aprendendo a comunicar-se: perguntar, comentar, afirmar, contestar uma questão ou responder uma pergunta, cumprimentar, obter auto-informação ou demonstrar conhecimento, concordar com seu interlocutor, além de formular perguntas e respostas para esclarecer uma informação (Keenan, 1977 apud Silva 2001, p.49).

Clark (2006) demonstra que a repetição tem um papel importante no aumento da base comum (conhecimento enciclopédico) partilhada pelos participantes de uma interação e no próprio processo de aquisição da linguagem. A autora apresenta uma análise da repetição como mecanismo de correção de palavras e construções oferecidas nas interações entre pais e filhos e conclui que a repetição realizada pelas crianças representa um meio de apreender a contribuição precedente de seu interlocutor adulto como parte de sua base comum.

Em seu estudo feito com crianças de 1;1 a 5;0 anos, Clark observa que a aquisição de linguagem acontece pela repetição de palavras novas da seguinte maneira: durante as interações conversacionais, o adulto oferece à criança uma palavra nova (substantivo). Esta palavra é repetida pela criança, que constata o uso feito pelo adulto da palavra em questão, ratificando-o. A autora defende que as crianças empregam a repetição para sinalizar que elas prestaram atenção na nova forma empregada. Por meio da repetição, as crianças confirmam a compreensão e a aceitação do uso da palavra naquela ocasião, o que podemos observar no seguinte exemplo (p. 71):

Adam (2;3.15) – <i>caboose</i>	[ <b>le wagon de queue</b> ]
Mère: and the last car on a train is called the what?	
Adam: <i>call too-too train</i>	[= choo-choo train]
Mère: it's called the caboose	[offre]
Adam: <i>call boo</i>	[constate et ratifie]
Mère: caboose	[corrige]
Adam : <i>caboose</i>	[constate et ratifie]

Os estudos realizados por Keenan e Klein (1975) e Clark (2006) demonstram que a repetição consiste em uma estratégia empregada pela criança para aquisição da linguagem desde seus primeiros anos de vida, seja na interação com outras crianças ou mediante a tutela de adultos.

Bloom (1974 apud Clark, 2006) afirma que crianças pequenas, em situação de interlocução, empregam a repetição lexical para aumento de sua base comum (conhecimento enciclopédico) graças à informação adicional dada pelo seu interlocutor no momento da interação. Esse aumento é visível em repetições lexicais imediatas (ou seja, seguidas do turno interlocutor adulto) e mais frequentes na fala de crianças mais novas: crianças de 1;6 a 1;8 repetem com a frequência de 90%; de 1;9 a 1;10 com a frequência de 88% e; de 1;11 a 2;0 em 80%.

A rápida diminuição da frequência do uso da repetição em relação ao aumento da faixa etária dos sujeitos pode nos fazer acreditar que crianças maiores deixam de utilizar esse recurso como uma estratégia para aquisição da linguagem. O que constatamos com o estudo de narrativas infantis de crianças de 7;6 e 9;3 nos faz recolocar essa questão: crianças maiores ainda fazem uso freqüente da repetição como uma estratégia para aquisição da linguagem, contudo, com menos ênfase para ampliação do conhecimento enciclopédico e visando organizar sua produção discursiva, promovendo a coesão e a coerência de seus enunciados, bem como a continuidade de sua interação com seu(s) interlocutor(es).

Podemos acreditar que esta ampliação do uso da repetição na linguagem infantil ocorre pelo fato de, aos três anos, a criança já ter desenvolvido as estruturas essenciais da língua em relação à sua organização fonética, lexical e gramático sintática. Segundo Aimard (1998), nesta idade, a criança aprende a dizer “eu” e a falar na primeira pessoa do singular. A marca da pessoa do discurso introduz a criança na organização gramatical de sua língua e, progressivamente, ela irá empregar as formas pronominais para indicar as demais pessoas do discurso, o que irá facilitar suas construções verbais. A partir dos 5 anos, a criança já terá adquirido a maior parte do vocabulário que utilizará ao longo de sua vida.

## ***2. Material e método***

Participaram como sujeitos desta coleta de dados Ingrid (7;6) e Jonnathan (9;3). Os dois são irmãos e moram junto com seus pais. Ingrid está na 2ª. série e Jonnathan a 3ª. série do Ensino Fundamental, ambos em escolas públicas localizadas no bairro Pedreira, periferia da zona sul da cidade de São Paulo. Aos finais de semana, as crianças ficam na casa dos avós paternos, local onde as gravações foram realizadas.

Numa perspectiva interacionista, a tutela consiste na a mediação das atividades cognitivas e languageiras infantis pelo adulto (Bruner, 1991 apud Melo, 2003, p. 58) e pressupõem, em seu nível mais simples, a manutenção e a orientação da criança para a atividade proposta. Durante a manutenção, “o adulto protege a criança contra as distrações assegurando uma convergência entre sua atenção e a da criança na interação”. Segundo Melo (2003), a manutenção da atenção

favorece o processo de engajamento da criança e capta seu interesse para a tarefa desenvolvida. A tutela orientação consiste nas intervenções que o adulto realiza para que a criança focalize os aspectos de sua conduta ou tarefa, fazendo-a progredir.

As intervenções e a coletas de dados com os sujeitos da pesquisa foram realizadas separadamente. Em um primeiro momento, a pesquisadora leu as histórias de livros infantis para as crianças e, em seguida, as crianças contaram as narrativas com o auxílio das ilustrações dos livros. Os dados obtidos foram gravados em mídia digital (MP3) e transcritos para análise segundo as normas estabelecidas pelo Projeto NURC. Ingrid teve contato com a história infantil O macaco bombeiro (Rocha, 2006) e sua narrativa teve a duração de 5'00. Jonnathan conheceu a história As mentiras de Paulinho (Almeida, 2006) e sua narrativa durou 5'25".

De acordo com Melo (2003), o ato de contar histórias é uma forma de brincar que pertence à nossa cultura e, como tal, está localizado em um espaço potencial que faz fronteira indeterminadas com nossa realidade. A autora ainda afirma que “as imagens do livro infantil são capazes de veicular significados integrativos do texto verbal, até (mesmo) em sua ausência” (p. 73).

Para análise dos dados obtidos, foram montadas grades de repetições que partiam do estudo de trechos nas narrativas produzidas pelas crianças. A delimitação dos trechos foi realizada a partir de cada fragmento da seqüência narrativa contada a partir das ilustrações presentes em cada duas páginas do livro infantil (livro aberto). Essa divisão foi considerada a mais adequada, pois, a cada página virada, as crianças empregavam marcadores conversacionais (“aí”/ “aqui”) que indicavam o início de uma unidade comunicativa (Marcuschi, 2003). A grade de repetições de Ingrid possui 15 trechos narrativos e a de Jonnathan, 18 trechos.

Em seu estudo lingüístico e pragmático que analisa as condutas languageiras explicativas/justificativas de crianças entre cinco e dez anos, Melo (2006) explica que a interação compreensão-produção está ligada à idéia de competência lingüística. A autora observa que a criança entende muito mais do que produz e que “mesmo antes de produzir qualquer enunciado, a criança parece entender os enunciados (ou alguns deles) dirigidos a ela pelo seu interlocutor

adulto, o que leva o estudioso da compreensão infantil à hipótese de que a compreensão precede a produção” (p. 23).

A seguir, serão analisadas as repetições das narrativas orais produzidas por Ingrid e Jonnatahn quanto ao domínio do processamento, ou seja, “na percepção do falante ou do escritor com relação ao seu próprio discurso” (Silva, 2001, p. 171). Silva considera que o processamento é composto por duas funções, a produção e a compreensão, pelas quais é possível explicar os usos da repetição em termos cognitivos.

A produção é uma das funções da repetição que resulta das exigências da comunicação face a face. Silva identifica quatro microfunções da repetição para a produção do narrador:

a) *Simplificação da produção discursiva*: o narrador repete alguma parte de seu enunciado, principalmente após vacilações no momento da fala, a fim de simplificar sua tarefa de produção discursiva:

I01. *aqui já vai ta pedindo pra ser **bombeiro** pro elefante que era o bom...beiro<sup>1</sup>*

b) *Apoio para preencher pausas*: a repetição atua como um suporte a memória, geralmente após um falso começo, para que o narrador ganhe tempo para preparar sua próxima elocução b:

J01. *aqui ele falou **que... que**: ele gostava de disco voador né? então:*

c) *Ponte ou superação de interrupções*: repetição realizada após uma interrupção provocada pela interferência de alguma pessoa ou ruídos externos:

J11. *aqui **ele disse pra menina né?***

P. u-hu

J. ***ele disse pra menina que: é: o prédio é que ele morava?***

d) *Reparação*: o narrador repete ao perceber alguma falha ou impropriedade de seu discurso. Nesse caso, a repetição realiza-se por meio de um cancelamento, retificação ou mudança de perspectiva e apresenta variação na forma:

I02. *aqui é o:: **esqueci o nome dele (risada) é o elefante... o João, né? o João***

<sup>1</sup> Os exemplos são identificados pela inicial de cada criança e o número do trecho na narrativa, conforme disposto no quadro de repetições. Optou-se por esta numeração para que leitor tenha noção de que os fragmentos podem ser de momentos diferentes da progressão da narrativa.

P. o Jô

I. *o Jô... ele falou pro Jô que ele era o mais o mais o mais:: o mais gran::de, o ma/ o maiOR e:: ele era o:: e/ o bombeiro*

Além da produção, o processamento também abarca os mecanismos de *compreensão*, que refletem a intencionalidade do narrador de tornar seu discurso mais acessível para seu interlocutor e garantir a coerência textual. Silva (2001) identifica três microfunções da repetição para a *compreensão* interlocutor:

a) *Atualização da cena*: a repetição é tomada como pista semântica que mantém o narrador e o interlocutor vinculados ao relato, permitindo-lhes fazer referências e promovendo sua interação:

J18. *aqui foi: aqui ficou **mais simpático** o: ele o: o seu Benedito ainda continuava mai/ continuava contando mentira mas só que **mais simpático***

b) *Esclarecimento ou metacommentário*: a repetição é projetada próxima à matriz, aparece, em geral, precedida por termos como “ou seja” ou “quer dizer” e traz uma explicitação do que foi afirmado previamente pelo narrador:

I07. *ah: aqui o macaco tava lá na árvore dele aí **ele viu uma fumacinha ele viu uma fumacinha e ele foi com água apagar***

c) *Reajuste ou preciso do sentido*: a repetição acrescenta mais precisão ou reajusta o sentido de informações prévias, visando uma maior compreensão do interlocutor. São empregadas R-oracionais com variação ou reformulações com o objetivo de formular conexões:

J15. *vixe aqui também tem que contar? ((diminuem as ilustrações do livro, o fundo é verde claro))*

P. quem é que aparece aqui?

J. *deixa eu ver: seu Benedito*

P. seu Benedito gostava das histórias do **Paulinho**?

J. *((a criança acena negativamente com a cabeça))*

P. por que não gos/?

J. *aqui o: pai dele disse que: as mentiras do Paulinho até podiam fazer bem pra ele*

P. isso: por que o seu Benedito **tinha** o quê?

J. *tinha problema no fígado*

P. isso

#### 4. Análise e interpretação dos dados

Após a elaboração da grade de repetição das duas crianças segundo os critérios acima expostos, iniciou-se a classificação das repetições de acordo com classificação proposta por Silva (2001). Foram obtidas as seguintes constatações:

- As duas crianças empregaram repetições em todas as microfunções de produção e compreensão, o que reforça a forte influência deste recurso como estratégia utilizada pela criança para a construção do texto falado durante as etapas de seu desenvolvimento cognitivo;
- Jonnatahn (9;3) empregou mais as repetições para produção enunciados (70,0%) do que para a promoção de sua compreensão por parte do interlocutor (30,0%). O mesmo aconteceu com Ingrid (7;6), mas em menor proporção: ela utilizou a repetição em situações de produção de enunciados em 64,1% das ocorrências e nas situações de compreensão na proporção de 35,9%. Atualmente, a pesquisadora desenvolve investigações com um maior número de sujeitos para demonstrar a relevância destes dados para a aquisição/construção da linguagem durante a infância.

A realização de uma análise comparativa das grades de repetição de Jonnathan (9;3) e Ingrid (7;6) forneceu os seguintes dados sobre as microfunções da *produção* e a aquisição/construção da linguagem infantil:

<b>Microfunções de Produção</b>	<b>Ingrid (7;6)</b>	<b>Jonnathan (9;3)</b>
Simplificação da produção discursiva	14 (56,0%)	07 (25,0%)
Apoio para preencher pausas	07 (28,0%)	17 (60,7%)
Ponte ou superação de interrupções	02 (8,0%)	01 (3,6%)
Reparação	02 (8,0%)	03 (10,7%)
<b>Total</b>	<b>25 (100%)</b>	<b>28 (100%)</b>

Este quadro possibilita a elaboração das seguintes considerações em relação ao uso da repetição:

a) a maior parte das repetições da criança de 7;6 é empregada na simplificação da produção discursiva (56,0%) e, em seguida, no apoio para preencher pausas (28,0%). Podemos supor que é mais comum para a criança menor buscar em sua própria narrativa os elementos para sua progressão do que empregar a memória para lembrar fatos específicos. O contrário acontece com

a criança de 9;3, que emprega 60,7% de suas repetições para ganhar mais tempo para o planejamento do que irá dizer, utilizando, em menor quantidade (28,0%), estruturas já incidentes em sua narrativa.

Um quadro semelhante para as três microfunções de *compreensão* foi construído e nele foram verificados os seguintes dados:

<b>Microfunções de Compreensão</b>	<b>Ingrid (7;6)</b>	<b>Jonnathan (9;3)</b>
Atualização da cena	03 (21,4%)	03 (25,0%)
Esclarecimento ou metacommentário	05 (35,8%)	05 (41,6%)
Reajuste ou precisão de sentido	06 (42,8%)	04 (33,4%)
<b>Total</b>	<b>39 (100%)</b>	<b>38 (100,0%)</b>

Diante deste quadro é importante considerar que a microfunção de reajuste ou precisão de sentido teve maior ocorrência pelo fato computar repetições auto-condicionadas (iniciada e repetida pela própria criança) e heterocondicionadas (iniciada pela pesquisadora e repetida pela criança). Para os dois sujeitos, a proporção destas formas de repetição é de 50% para cada uma.

A repetição para reajuste ou precisão de sentido heterocondicionada aparece na produção discursiva como uma necessidade do interlocutor, que manifesta sua incompreensão diante do que o narrador diz. Neste momento, a criança repete a forma matriz adotada pelo interlocutor para esclarecer e prosseguir a narrativa. Esta situação assemelha-se ao que propõe Clark (2006), pois a criança compartilha com seu interlocutor uma base comum, o que possibilita a elevação de seu conhecimento enciclopédico, a compreensão e a aquisição de novas palavras, sinalizadas pela aceitação do uso por meio da repetição.

### ***5. Considerações Finais***

Os dados obtidos nesta pesquisa apontam para uma importante área de pesquisa no campo da Psicolinguística. Muitas das hipóteses aqui apontadas são frágeis, mas certamente demonstram a necessidade de um estudo que vincule os trabalhos realizados em Pragmática e Linguística Textual com as pesquisas recentes sobre a Aquisição de Linguagem. Os dados obtidos e o referencial teórico-metodológico exposto reafirmam que a repetição é uma importante estratégia

lingüística presente fala infantil, um recurso empregado com a finalidade de estruturar o discurso, garantir a progressão temática, a interação e a coesão dos enunciados. Por ser considerado como um dos procedimentos de interação mais freqüente no discurso oral, o fenômeno lingüístico da repetição desempenha um papel fundamental desde as primeiras etapas da aquisição de linguagem e socialização.

## 6. Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Fernando Lopes de. **As mentiras de Paulinho**. São Paulo: Ática, 1999.
- AIMARD, Paule. (trad. Claudia Schilling) A aquisição da linguagem. In: **O surgimento da linguagem na criança**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- BARBOZA, Andressa Cristina Coutinho. **O efeito da repetição no texto falado infantil**. (no prelo)
- CLARK, E. V. La répétition et l'acquisition du langage. **La linguistique**, Paris v. 2, n. 2, p. 67-79, fev. 2006.
- JOHNSTONE, Bárbara. An introduction. **Text**, v.7, n. 3, p.205-14, 1987.
- KEENAN, Elinor Ochs a Klein, Ewan Coherency in childref's discourse. **Journal of Psycholinguistic Research**, v. 4, n. 4, p.365-80, 1975.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. KOCL, I. G. V. (org). **Gramática do Português Falado**. 2ª. ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 105-41, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Análise da conversação**. 5ª. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- MELO, L. E. **Em busca de alternativas para a entrada da criança na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2003.
- PRETI, Dino (org). **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999 (Projetos Paralelos vol. 1).
- ROCHA, Ruth. **O macaco bombeiro**. São Paulo: Editora Moderna, 2006 (coleção Salamandra).
- SILVA, Denize Helena Garcia. **A repetição em narrativas orais de adolescentes: do oral ao escrito**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Plano Editora: Oficina Editorial: Instituto de Letras UnB, 2001.